

SOB A SOMBRA DA SAMAÚMA: UM MORÉ UNDER THE SHADOW OF SAMAÚMA: A MORÉ

Allan Nywner Praia Mendonça (UNICENTRO)¹

Cacio José Ferreira (UFAM)²

RESUMO: Denominado “Sob a Sombra da Samaúma: Um Moré” (do hebraico, Moré [מורה] significa “professor, mestre”), este artigo apresenta o panorama histórico-social de Samuel Benchimol, que nasceu e viveu na Amazônia, e valoriza a origem étnica, o histórico social familiar e o quadro biográfico do autor, contexto que favoreceu a produção de seu livro de haicais intitulado *Versos dos Verdes Anos* (1942). Esse cenário consistiu no primeiro passo para analisar, posteriormente, os haicais contidos em *Versos dos Verdes Anos*, da dissertação de mestrado defendida em 2022 sob o título “Da Cerejeira à Samaúma: A gênese do haikai no Amazonas a partir de *Versos dos verdes anos*, de Samuel Benchimol”, na qual foram utilizados os pressupostos da Crítica Genética, que parte da proposição de que o processo de escrita da poesia e suas características estruturais se constroem como reflexos da sociedade e que, o processo criativo, as opções estéticas e ideológicas por ele construídas estão subordinadas à relação entre autor e sociedade, suas escolhas e influências. Também discute as possibilidades artísticas de inspiração do autor relacionadas com as produções haicaístas da primeira metade do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Haikai; Literatura amazonense; Samuel Benchimol; Crítica Genética

ABSTRACT: Called “Under the Shadow of Samaúma: Um Moré”, this article presents the historical-social panorama of Samuel Benchimol, who was born and lived in the Amazon, and values his ethnic origin, family social history and biographical framework of the author, a context that he favored the production of his book of haiku entitled *Versos dos Verdes Anos* (1942). This scenario was the first step to subsequently analyze the haiku contained in *Versos dos Verdes Anos*, from the master's thesis defended in 2022 under the title “From Cerejeira to Samaúma: The genesis of haiku in Amazonas from *Versos dos verdes anos*, by Samuel Benchimol”, in which the assumptions of Genetic Criticism were used, which starts from the proposition that the process of writing poetry and its structural characteristics are constructed as reflections of society and that the creative process, the aesthetic and ideological options for it constructed are subordinated to the relationship between author and society, their choices and influences. It also discusses the author's artistic possibilities of inspiration related to haikus productions from the first half of the 20th century.

KEYWORDS: Haiku; Amazonian literature; Samuel Benchimol; Genetic Criticism

¹ Doutorando em Letras (UNICENTRO). Mestre em Letras – Estudos Literários (UFAM). Membro dos grupos de pesquisa Estudos de Haikai: Lirismo, Haicaístas e Campo Literário (UFAM), Estudos Japoneses (UFAM) e Estudos Literários: Teoria, Crítica e Ensino (UNICENTRO).

² Doutor em Literatura (UnB). Professor Adjunto da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Líder do grupo de pesquisa Estudos de Haikai: Lirismo, Haicaístas e Campo Literário (UFAM). Membro dos grupos de pesquisa Estudos Asiáticos (UnB) e Estudos Osmanianos: Arquivo, Obra, Campo Literário (UnB).

INTRODUÇÃO

O presente artigo inicia elucidando o papel do escritor na criação literária sob a ótica da crítica genética, tomando como base teórica as obras: *A literatura dos escritores: questões de crítica genética* (2007), de Louis Hay; *Escrever sobre escrever: uma introdução crítica à crítica genética* (2002), de Claudia Pino e Roberto Zular; *Criação em processo: ensaios de crítica genética* (2002), de Roberto Zular e *Bastidores da Criação Literária* (1999), de Philippe Willemart, para, em seguida, debater os possíveis fatores que favoreceram a escrita do livro de haicais *Versos dos Verdes Anos* (1942).

A discussão continua relacionando as características pessoais de Benchimol, a começar pela sua origem étnica e, por conseguinte, pela história dos judeus sefarditas na Amazônia. Esta parte do trabalho toma como base teórica as obras: *De Recife para Manhattan* (2018), de Daniela Levy; *Professor Samuel Isaac Benchimol: Ensaio Biográfico de um Educador* (2010), de Abraham Baze; *Eretz Amazônia: Os judeus na Amazônia* (2008) e *Amazônia: um pouco-antes e além-depois* (2010), de Samuel Benchimol e *Os judeus que construíram o Brasil* (2015), de Anita Novinsky.

BERESHIT (DO HEBRAICO (בראשית), SIGNIFICA “NO INÍCIO”): AS RAÍZES DE UM HAICAÍSTA AMAZONENSE

Como já foi dito por Louis Hay em *A literatura dos escritores* (2007), “a literatura começa com a leitura. É no instante em que o leitor abre o livro que ele entra no universo das palavras” (HAY, 2007, p. 11). Ainda parafraseando Hay, enquanto algumas pesquisas ocupam-se do produto final, entregue ao grande público, é na crítica genética que o estudo do processo de criação de uma obra literária acontece. Sobre a obra literária, Louis Hay declara que:

Uma obra é fruto de longas preocupações [...]. Ela demandou meses e mesmo anos de reflexão, e pode se supor também a experiência e as aquisições de toda uma vida. Ora, o efeito dessa obra se manifestará em alguns instantes. Em duas horas, os cálculos do poeta, todos esses atos de fé, todos esses atos de escolha, todas essas transações mentais vêm, enfim, atingir, fascinar ou desconcertar o espírito do outro. (HAY, 2007, p. 13)

Assim, a crítica genética valoriza o autor enquanto parte essencial do processo criativo da literatura, pois é este sujeito que conecta a obra com a sociedade, dando materialidade ao pensamento, sendo “a mão executora de um pensamento e de uma vontade, o autor da rasura, o homem imerso nas estruturas psíquicas, sociais e econômicas” (WILLEMART, 1999, p. 161).

O efeito histórico de conexão entre o autor, a sociedade e a obra literária, enquanto produto dessa relação, é enfatizada pela ótica genética, ao que Louis Hay declara que:

A gênese pertence à História ao mesmo tempo como sujeito, uma vez que produz história, a do texto, e como objeto, uma vez que sua manifestação material, o manuscrito, é, por natureza, um objeto histórico: ele traz as marcas de seu tempo e, muitas vezes, as das épocas que atravessou. (HAY, 2007, p. 132)

Desta maneira, a crítica genética observa “como os escritores escrevem o que escrevem” (HAY, 2007, p. 84), e para esta finalidade faz-se necessário analisar a parte fundamental do processo criativo: o poeta.

Samuel Isaac Benchimol (1923 – 2002) nasceu em Manaus, filho de judeus sefarditas oriundos do Marrocos, como postulado pelo próprio autor, ao declarar que:

pela tradição oral que foi sendo passada de uma geração para outra, seguindo, aliás, os ensinamentos Talmúdicos, que o nosso epicentro ancestralse localizou na cidade livre de Tanger, em Marrocos, onde pontificou, desde 1700, um dos meus tataravós, Abraham Benchimol, que, segundo alguns, era filho do Grão-Rabino de Fez, em Marrakesh. (BENCHIMOL, 2010, p. 59)

Vale ressaltar, entretanto, que a história dos judeus sefarditas no Marrocos começa alguns séculos antes, com a instituição do Santo Ofício da Inquisição, que foi “autorizado pelo Papa e iniciou suas atividades na Espanha, sob os Reis Católicos, em 1478, e em Portugal em 1536” (NOVINSKY, 2015, p. 45).

De acordo com os escritos de Anita Novinsky, com tribunais em Lisboa, Coimbra e Évora, o antissemitismo divulgado pelo Santo Ofício atravessaria os mares e alcançaria a Índia (Tribunal de Goa, 1560) e as futuras colônias ultramarinas, além do Brasil (NOVINSKY, 2015, p. 46). A intolerância e o fanatismo perpetrados pelo Santo Ofício não foram uma novidade, mas o clímax do antissemitismo na Península Ibérica, ao que Samuel Benchimol declara:

O início desse programa de extermínio deu-se em Sevilha, em 1391, alastrando-se pela Andaluzia, Castela, Valência, Barcelona e Aragão. Em Castela, Navarra e Aragão, nas comunidades judaicas, avaliadas em 600 mil pessoas, morreram 200 mil, salvando-se outras tantas e convertendo-se em número igual ao catolicismo oficial, (...) com a denominação de cristãos- novos, marranos (porcos) e cripto-judeus... (BENCHIMOL, 2008, p. 19)

Este foi um período nebuloso da história judaica, em que “a repressão e o medo obrigaram toda a população judaica a esconder seus pensamentos, suas críticas e seus sentimentos” (NOVINSKY, 2015, p. 45), e que obrigou a saída de milhares de judeus da Espanha para outros lugares, como Portugal, como declara Samuel Benchimol:

Cerca de 80.000 judeus-espanhóis sefaraditas (*Sefarad em hebraico significa Espanha*) conseguiram fugir e procuraram abrigo em Portugal, que, apesar das restrições e perseguições, se apresentava como alternativa de salvação. Milhares de judeus-espanhóis foram queimados nas fogueiras da Inquisição, dezenas de milhares tiveram seus bens expropriados, convertidos à força e condenados a viver nas juderias, num inferno astral de exclusão, perseguição, infanticídio, confisco, flagelação e cativeiro. (BENCHIMOL, 2008, p. 20)

Sob a ilegalidade, o judaísmo continuaria a ser praticado e preservado, principalmente, pelas “mulheres, pois, proibidas as sinagogas, o templo transferiu-se para a casa” (NOVINSKY, 2015, p. 46). Esse clima de instabilidade social desestabilizaria também a identidade judaica internamente, entre idas e vindas das conversões forçadas, deixando aos judeus e seus descendentes “uma nova classe de problemas existenciais” (LEVY, 2018, p. 26).

Em Portugal, a perseguição aos judeus atingiu novos patamares, em que a morte e a tortura ganhavam nuances de entretenimento, relevando um ódio que, parafraseando Anita Novinsky, os historiadores ainda divergem a respeito de suas motivações (NOVINSKY, 2015, p. 46). Sobre esse momento fatídico na história judaica, Anita Novinsky declara:

O tribunal do Santo Ofício da Inquisição foi introduzido em Portugal por causados judeus e por razões econômicas. Inaugurou um novo sistema para glorificar o extermínio dos judeus, estabelecendo um clima de festa popular. Esses espetáculos reuniam a massa que, como divertimento, via agonizar os acusados. Essas festas, chamadas de “Autos de Fé”, eram assistidas pelo rei, rainha, infantas, nobreza e toda a população da cidade. As mulheres reservavam os seus mais belos trajes para esses dias, suas mais vistosas perucas, e o populacho se regozijava ao ver os pobres penitenciados caminhando nus da cintura para cima e carregando uma vela acesa nas mãos. (NOVINSKY, 2015, p. 46)

O aumento da perseguição desestruturou as comunidades judaicas (que sofriam com a desigualdade social na Europa há muitos séculos) e tornou necessária a busca por “novas comunidades e países onde pudessem sobreviver como judeus, recomeçando as suas vidas tal como fizeram antes os seus antepassados, vítimas da opressão, perseguição e intolerância” (BENCHIMOL, 2008, p. 24). Assim, muitos judeus imigraram para países como a Holanda, Turquia, Leste Europeu e o norte do continente africano, como a Argélia e o Marrocos.

No mundo árabe, desolados por uma perda “lamentada como um segundo exílio” (NOVINSKY, 2015, p. 93), os judeus ficariam “isolados e discriminados nas suas *melahs*” (BAZE, 2010, p. 18), que eram o equivalente muçulmano dos guetos europeus, em cidades como Tetuan, Fez, Marrakesh e Melilla. Vale lembrar que o Concílio de Trento (1545-1563) oficializou gueto, bairro com área limitada, cercado por alto muro com portão, onde os judeus, aglomerados em ruas estreitas, viviam com suas famílias, exerciam seus misteres e profissões

permitidos, realizavam os seus cultos religiosos na sinagoga, educavam os seus filhos e enterravam os seus mortos dentro das muralhas do enclave. (BENCHIMOL, 2008, p. 24).

A chegada dos expulsos, ou como seriam chamados, *megorashim* - palavra hebraica que significa “expulsos” ou “exilados”, o termo *megorashim* (מגורשים) é utilizado para designar os judeus exilados da península Ibérica e que se dirigiram para o norte da África (GERBER, 1980, p. 46), realçou as diferenças sociais existentes entre as diferentes comunidades judaicas ao redor do mundo, ao revelar as diferenças entre este grupo e os judeus estabelecidos há séculos no Marrocos, que viriam a ser conhecidos como *toshavim*, termo do hebraico (*toshavim*; תושבים) que significa “residentes” e que marca a distinção entre os judeus do Maghreb e os judeus sefarditas expulsos da península Ibérica. (AYOUN&COHEN, 1982, p. 27). Sobre este fato, Samuel Benchimol postula que:

Os recém-chegados **megorashim** da Espanha e Portugal, exilados e expulsos em 1492/1496, não foram bem recebidos pelos judeus nativos, apelidados de **tochabim**. Enquanto que os primeiros assumiram a liderança nas juderias e *melahs* e progrediam em seus negócios e profissões, os judeus nativos **tochabim**, empobrecidos por séculos de dominação dos mouros e berberes, sem oportunidades de educação e profissionalização, temiam os espanhóis, não só em função da rivalidade comercial como pela superioridade técnica. (BENCHIMOL, 2008, p. 33)

A maior parte dos expatriados preferiu o Marrocos “pela proximidade da Ibéria, do outro lado do Mediterrâneo, e por lá ficaram durante doze gerações (300 anos), falando espanhol, português e **haquitia** – dialeto misto de espanhol, português, hebraico e árabe” (BENCHIMOL, 2008, p. 31). Os 300 anos na região do Magrebe seriam interrompidos pela esperança de riqueza e liberdade que a região amazônica oferecia, assim as “primeiras famílias de origem e fé judaica se estabeleceram na região entre 1810 e 1820” (BENCHIMOL, 2008, p. 73), cujo número chegou em torno de 1000 famílias até o início do século XX, primeiramente por causa do comércio das drogas do sertão (já em decadência) e pela explosão da economia do látex ocorrida em solo amazônico.

Samuel Isaac Benchimol nasceu no dia 13 de Julho de 1923, em Manaus, filho de Nina Siqueira Benchimol e Isaac Israel Benchimol, cujo bisavô, Abraham Benchimol, seria filho do “Grão-Rabino de Fez, em Marrakesh” (BENCHIMOL, 2010, p. 59).

Natural de Aveiros (Pará), Isaac Israel Benchimol foi um rico seringalista e aviador de estivas que viu seu patrimônio ruir com a “derrocada final do ciclo da borracha” (BENCHIMOL, 2010, p. 60) em 1926.

Na tentativa frustrada de salvar os negócios da família, mudou-se para a região do Rio Abunã, juntamente com a mulher e os quatro filhos, para enfrentar muitos anos “de luta, de pobreza, de miséria e de doença” (BENCHIMOL, 2010, p. 60).

Acometido de malária, Samuel Benchimol foi transferido pelos pais para Porto Velho e depois, com o dinheiro conquistado pela mãe com costuras de roupas para soldados da borracha, foi para Belém, onde seria criado pela avó materna, uma portuguesa chamada Alice CagySiqueira.

Na “rua Batista Campos, nº 16” (BENCHIMOL, 2010, p 61), incapaz de ir à escola, Samuel obteve aulas particulares enquanto recebia os cuidados médicos necessários para a sua recuperação.

O ano de 1932 foi um período dramático e decisivo para a família Benchimol, como relata o próprio Samuel Benchimol ao declarar:

Nesse ano negro de 32 o preço da tonelada da borracha caiu para 34 libras [...] Comparando-se com o agude do “boom” em 1910, quando o valor foi de 655[...] chega-se a dimensão da catástrofe. Entre 1910 e 1932 a Amazônia havia perdido acima de 97% do seu produto interno bruto em termos da borracha. (BENCHIMOL, 2010, p. 62-63)

Assim, com a crise econômica, Isaac Benchimol, retornou para Manaus em Novembro de 1933 com a família, “cheio de dívidas” (BENCHIMOL, 2010, p. 63), oito anos após a fundação da 1ª Sinagoga Formal de Manaus: a Beth Yaacov (BENCHIMOL, 2008, p. 36).

No ano seguinte, Samuel Benchimol é aprovado no processo seletivo do Ginásio Amazonense Dom Pedro II, sendo um dos 12 alunos aprovados na turma de 1934 (BENCHIMOL, 2010, p. 65), feito significativo para a época, já que o público estudantil da época era bastante seletivo, como atesta Elissandra Lima ao afirmar que:

A geração de estudantes do final do Império e início da República, em Manaus, estudava em colégios do centro da cidade e, principalmente, nos elitizados, como o Ginásio Amazonense e o Instituto de Educação do Amazonas, os quais eram frequentados por jovens, em sua maioria, filhos de comerciantes e funcionários públicos. (LIMA, 2012, p. 50)

Durante os estudos de Samuel Benchimol no Ginásio Amazonense Dom Pedro II, o jovem judeu estudou com diversas figuras importantes da sociedade manauara da época, como ele mesmo afirma:

Eram nossos professores: Carlos Mesquita (Inglês), Ricardo Amorim (História, o Buda), Angelo Bittencourt (Geografia), Coriolano Durand (Francês), Vivaldo Lima

(Química), Paulo Rezende (Francês), Conte Teles de Souza (Matemática), Pedro Silvestre da Silva (Desenho), Fuet Paulo de Souza (Matemática), Ney Rayol (Química), Martins Santana (Português), Pe. Manoel Monteiro (latim), Maria Luiza Sabóia (Francês), Maria Augusta de Alcântara Bacelar (Música), D. Aurora Morais Rego (História Natural). (BENCHIMOL, 2010, p. 65)

Desta forma, apesar da atmosfera gomífera do final do século XIX, e de uma tentativa de continuar a utilizar a educação como uma ferramenta de divisão entre a elite local e as demais classes, o Ginásio Amazonense era o quadro da sociedade amazonense da época, em que:

... no período de crise econômica e política, o Gymnásio se transformou, em tese, num lugar “comum”, em que se reencontrariam a classe alta decadente e a classe média, que sempre compôs o corpo discente, seja no período de bonança ou no momento de crise econômica vivida pelo Estado do Amazonas. Os grupos decadentes que buscavam por meio de uma formação intelectual superar a “falência material de suas famílias” juntaram-se a essa classe média gymnasiana no momento de crise, principalmente a partir da segunda década do século 20. (LIMA, 2012, p. 81)

Com as mudanças de currículo impostas pelas mudanças econômicas, parafraseando o próprio autor, Samuel Benchimol continuou seus estudos no Colégio Dom Bosco, onde sofreu muitos constrangimentos (BENCHIMOL, 2010, p. 65), com o objetivo de preparar-se para o vestibular da Faculdade de Direito do Amazonas, no qual foi aprovado em 1941.

Numa época de inquietação global em virtude da II Guerra Mundial, alistou-se para o serviço militar, que foi divulgado pela “A Tarde”, na edição de 31 de agosto de 1942 (BENCHIMOL, 2010, p. 71).

Segundo a introdução da obra *Versos dos Verdes Anos*, os poemas e haicais escritos no período de 1942 - 1945 estão divididos em anos de escrita: 06 (seis) escritos em 1942, 11 (onze) em 1943, 01 (um) em 1944 e 03 (três) em 1945, ano em que recebeu o grau de bacharel em Direito, em 21 de dezembro de 1945 (BENCHIMOL, 2010, p. 72).

O período no qual a obra *Versos dos verdes Anos* foi concebida era um produto sintético das tensões econômicas e sociais vigentes naquela sociedade manauara, que vivia em uma “pequena cidade provinciana que começava a sofrer um processo de revitalização consequente a reativação dos seringais silvestres e a retomada do movimento imigrante do cearense, improvisado e caótico” (BENCHIMOL, 2010, p. 68). Sobre aquele período, Samuel Benchimol aponta que:

As opções abertas aos jovens eram praticamente inexistentes. A grande maioria dos estudantes, ao concluir o ginásio, buscava encontrar emprego nas repartições públicas, no Banco do Brasil ou no comércio; os que tinham mais recursos emigravam para o Sul, para outros Estados e cidades como Belém, Recife, Salvador e Rio, onde iam tentar a sorte, à procura de empregos ou de faculdades que lhes propiciassem ingresso

numa profissão liberal. Os estudantes amazonenses que a frequentavam, ao voltarem no fim do ano para o gozo das férias na cidade, possuíam um tão elevado “status” social que despertavam em todos nós um sentimento de admiração e inveja. O mesmo ocorria com referência àqueles amazonenses que exibiam uniforme de cadete da Escola Militar de Realengo ou da Escola Naval. (BENCHIMOL, 2010, p. 68)

Tais mudanças foram sentidas pela comunidade judaica local, fator que ocasionou a reabertura de antigas empresas e a abertura de novos negócios pela comunidade judaica, como a Bemol (Benchimol & Irmão), em 13 de agosto de 1942 (BENCHIMOL, 2008, p. 140). Sobre aquele período da história manauara, Samuel Benchimol declara que:

Em virtude da guerra ingressamos nas fileiras do Exército, como convocados ou voluntários. Pertencendo a um grupo de estudantes antinazistas, em companhia deles apresentei-me, sem consulta aos nossos pais, por ocasião da declaração de guerra do Brasil às potências do Eixo, como voluntários da Força Expedicionária Brasileira que se organizava para combater na Itália. O Boletim da 29ª Circunscrição de Recrutamento, divulgado pela “A Tarde”, edição de 31.8.1942, assim registrou o fato: Apresentaram-se voluntariamente nessa repartição, para o serviço da Pátria, os jovens Agnelo Uchôa Bittencourt, residente à Rua Dr. Moreira, 88; Samuel Isaac Benchimol, residente à Rua Henrique Martins, 414; e Raimundo Otávio Carneiro, residente à Rua Marcílio Dias, 320. Esta Chefia, tomando em consideração a apresentação dos aludidos jovens, determinou que fossem devidamente relacionados, formando em seguida o pessoal da C. R. para notificá-lo da atitude patriótica dos jovens citados. (BENCHIMOL, 2010, p. 71)

Na esfera cultural, a Manaus da década de 40 era uma cidade alheia aos movimentos culturais que ocorriam nos grandes centros brasileiros, ao que Jorge Tufic declara:

Não restava dúvida quanto ao alheamento cultural desse punhado de jovens, sequiosos por descobrir o verdadeiro comando de sua existência. Enfrentavam, por outro lado, a mentira e o isolamento geográfico. Nem os frutos benéficos da mentira e o isolamento geográfico. Nem os frutos benéficos da Semana de Arte Moderna de 1922, haviam chegado ao conhecimento da juventude, nos colégios oficiais. Ao invés disso, proliferava uma falsa compreensão do fenômeno estético, que difundia através dos suplementos literários ideias contaminadas de ranço e bolor acadêmico, no pior sentido de fórmula importada. (TUFIC, 1984, p. 12)

Dessa forma, Jorge Tufic demarca os limites de uma sociedade em que a maioria dos intérpretes motivavam “sentimentos confusos, que arriscavam extensos artigos contra Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Portinari” (TUFIC, 1984, p. 14). Assim, com um breve levantamento biográfico a respeito do autor, ficam pavimentados os caminhos das hipóteses sobre as quais esta investigação foi fundamentada.

VAYOMER (DO HEBRAICO (וַיֹּמֶר), SIGNIFICA “E DISSE”, UTILIZADO NO CONTEXTO BÍBLICO DO PENTATEUCO) BENCHIMOL: FATOS E HIPÓTESES SOBRE UM HAICAÍSTA AMAZONENSE

Três questões favoreceram o contacto de Samuel Benchimol ter tido contato com o haicai: sua ascendência marroquina e o contato direto do Marrocos levaram a literatura haicaísta até aquele país; o círculo literário brasileiro que absorveu o haicai; por fim, o contato direto com o haicai europeu, em especial, o haicai francês, em virtude das aulas de idiomas que eram lecionadas no período escolar do escritor. Descreve-se aqui os motivos para o encorajamento da defesa da última hipótese.

SÁBIOS NO EXÍLIO: A HIPÓTESE DA INFLUÊNCIA MARROQUINA

A primeira hipótese a ser discutida durante a construção da investigação foi aquela que defendia que a ascendência judaico-marroquina de Samuel Benchimol contribuiu de alguma forma para o contato com o haicai francês, visto que o continente africano estava sob forte influência europeia desde o século XVII e o noroeste da África, sob influência francesa desde a Primeira Guerra Franco-Marroquina. Esta foi uma disputa militar entre a França e Marrocos ocorrida em 1844. O principal fator para o conflito foi a retirada do líder da resistência Argelina Abdul-Qadir para o Marrocos depois das vitórias francesas sobre seus apoiantes tribais durante a Conquista da Argélia. (BENNISON, 2002, p. 79)

No entanto, essa hipótese foi descartada por causa da posição social dos judeus na África muçulmana e do tempo entre a imigração para o Brasil e os escritos de Samuel Benchimol.

Quando fugiram da Inquisição, não encontraram no Marrocos um cenário diferente, mas antes, “saíram da **guezerá** (*sentença maldita da Ibéria*) para o **guehinam** (*inferno*) do Marrocos” (BENCHIMOL, 2008, p. 32). Poderia ser levada em consideração a carga linguística sob as quais os judeus do Marrocos estavam expostos (árabe, francês, inglês), entretanto, a maior parte dos imigrantes abandonou o uso dessas línguas, em um processo de assimilação do português brasileiro, no qual a própria haquitia (dialetos do hebraico) entrou em processo de extinção.

Diferentemente de séculos anteriores, em que as comunidades judaicas do mundo árabe dispunham de jurisprudência própria para assuntos como casamento, divórcio e deslocamento sob a tutela de um Rosh Galut, termo do hebraico: ראש גלות, cargo que, no mundo árabe, até o século XII, era destinado ao líder da comunidade judaica; geralmente o cargo

pertencia à um alegado descendente de Davi, rei bíblico do antigo reino de Israel. (AVRAHAM, 1997, p. 127), o processo de migração para o Brasil partiu da iniciativa individual, em que “grande parte dos migrantes era de jovens recém-saídos da Escola da Aliança Israelita Universal” (BENCHIMOL, 2008, p. 72).

Um segundo fator a ser levado em consideração é o intervalo e a forma de migração para o Brasil: Israel Isaac Benchimol, avô paterno de Samuel Benchimol, chegou ao Brasil por volta de 1860, morrendo “oito meses após o nascimento” (BENCHIMOL, 2008, p. 192) de Isaac Israel Benchimol, pai de Samuel Benchimol. Mesmo em território europeu, as primeiras traduções do *tanka* apareceram apenas no final do século XIX, com *Anthologie* de Leon de Rosny, publicado em 1871 (AGOSTINI, 2001, p. 01), assim, a expansão do haicai na Europa aconteceu algumas décadas após a migração da Família Benchimol para o Brasil.

Mesmo que seja factual que as comunidades judaicas possuam clubes e instituições para o desenvolvimento social e cultural interno, como a Hebraica de São Paulo, a comunidade judaica de Manaus ainda estava em fase de organização, visto que a primeira sinagoga formal, a Esnoga Beth Yaacov, foi fundada apenas em 1925, com “sede na Av. 13 de Maio (hoje Av. Getúlio Vargas)” (BENCHIMOL, 2008, p. 36).

Outro fator a ser mencionado é que, mesmo com a influência europeia sobre a comunidade judaica do Magrebe através da Escola da Aliança Israelita Universal, a primeira publicação de haicais traduzidos para o árabe no Marrocos aconteceu em 2010 e o primeiro contato com os haicais ocorreu no início dos anos 80 (AGYEI-BAAH, 2022, p. 01); desta forma, com argumentos cronológicos consistentes, a via interpretativa de influência marroquina foi abandonada. É preciso ressaltar que

A Aliance Israelite Universelle foi fundada em Paris, em 1860 [...] O seu objetivo era expressar a necessidade de dar solidariedade aos judeus, trabalhar pela sua emancipação e progresso moral, oferecer ajuda e assistência aos judeus vítimas do anti-semitismo, encorajar a publicação de livros que promovessem esses objetivos. A ação da Aliança Israelita Universal se fazia nos níveis diplomáticos, assistência a imigrantes e educação, sobretudo voltados para os judeus orientais, vítimas de perseguições. [...] Foram fundadas diversas escolas da AIU como a de Tetuan em 1862, a de Tânger, em 1869. (BENCHIMOL, 2008, p. 55).

ELDORADO AMAZÔNICO: O PROBLEMA DA HIPÓTESE DA INFLUÊNCIA BRASILEIRA

A hipótese de contato com o haicai nacional apresenta algumas dificuldades, a começar pelo fator cronológico. O primeiro contato do homem europeu com a literatura

japonesa ocorreu com “a expansão do colonialismo europeu” (FRANCHETTI, 2012, p. 196), que viu na reabertura do enigmático Japão, em 1867, e nos relatos de viagem uma forma de “saciar a sede do novo, do exótico orientalista, que vinha do século XVIII e atravessaria todo o século XIX” (FRANCHETTI, 1994, p. 199).

A gênese da expansão haicaísta no Brasil ocorreu com a publicação de *Trovas Populares Brasileiras* (1919) de Afrânio Peixoto (1876-1947), que foi responsável por “tornar o haicai conhecido pelos leitores de seu livro” (CLEMENT, 2014, p. 02).

Baiano nascido em 1876, Afrânio Peixoto era médico e professor de medicina legal. Como pesquisador, Afrânio Peixoto viajou para a Europa entre 1904 e 1906, onde conheceu o haicai pelos escritos de Paul-Louis Couchoud (1879-1959), escritor de *Au fil de l'eau* (1905) e *Sages et poètes d'Asie* (1916).

As próximas duas décadas seriam marcadas por publicações pontuais, como o terceto de Joseph Seguin (pseudônimo de Julien Vocance) que, publicado pela primeira vez em 1921 na obra *Art Poétique*, foi citado “como exemplo de haicai japonês por Paulo Prado, no prefácio ao Pau-Brasil, de Oswald de Andrade” (FRANCHETTI, 1994, p. 200) e pelas obras: *Haikais* (1933) de Waldomiro Siqueira Júnior, *Missangas* (1931) de Afrânio Peixoto e *Os Meus Haicais* (1937), de Guilherme de Almeida. Sobre o haicai produzido por Guilherme de Almeida, Rosa Clement pontua que:

No conceito de Almeida haicai “é a poesia reduzida à expressão mais simples. Um mero enunciado: lógico, mas inexplicado. Apenas uma pura emoção colhida ao vôo furtivo das estações que passam, como se colhe uma flor na primavera, uma folha morta no outono... Emoção concentrada numa síntese fina...”. O poeta também faz sua comparação do haicai com a trova e em seguida dá a fórmula do “seu” haicai: três versos de 5-7-5 sílabas; o primeirorimando com o terceiro; o segundo rimando entre a segunda sílaba interna e asétima sílaba. Como Peixoto, Almeida dá título ao haicai, também em letras capitais. (CLEMENT, 2014, p. 03)

Com as publicações de Guilherme de Almeida, surgem diversos autores, como “Jorge Fonseca Jr. “Roteiro Lírico” (1939), e “Do Haicai e em seu Louvor” (1940); Oldegar Vieira, “Folhas de Chá (1ª coletânea)” (1941); e Abel Pereira, “Meu Livro” (1941)” (CLEMENT, 2014, p. 03), entretanto, a presente historiografia aponta a gênese da produção haicaísta no Amazonas 40 anos após os haicais de Guilherme de Almeida, com os haicais de Bacellar, e dos autores que o seguiram, como pode ser constatado com a afirmativa de Michelle Eduarda Brasil de Sá:

Bacellar escrevia poesia desde os doze anos de idade, e já com o seu primeiro livro “Fruta de barro” foi prestigiado com o “Prêmio Olavo Bilac” em 1959, tendo na banca julgadora Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. Sua Segunda obra “Sol

de Feira” também foi premiada em 1968 com o “Prêmio de Poesia do Estado do Amazonas”. O livro de Bacellar “O crisântemo de cem pétalas”, lançado em 1985 e escrito em parceria com o também haikaísta amazonense Roberto Evangelista, é considerado o marco inicial do haikai no Amazonas. (IENDO; SÁ, 2015, p. 12)

Afirmativa que é corroborada por Rosa Clement, ao afirmar que:

Vale lembrar que mesmo no longínquo Amazonas, no Norte do Brasil, Luiz Bacellar (1928-2012), o pioneiro do haikai na região, publicava em 1985, junto com Roberto Evangelista, “Crisântemo de Cem Pétalas”. Mesmo antes de publicar, Bacellar divulgava amplamente seus haicais. (CLEMENT, 2014, p. 07)

Os haicais de Samuel Benchimol não carregam as características dos haicais publicados pela geração de Guilherme de Almeida, o que pode ser justificado pelo caráter disperso da prática literária amazonense da época, até a criação do Clube da Madrugada (1954). Em linhas gerais, o chamado Clube da Madrugada era um grupo de amigos – escritores, economistas, artistas – que se encontrava na praça Heliodoro Balbi, no Centro de Manaus, debaixo de um mulateiro. Os encontros eram informais, como deve ser entre amigos, e geralmente entravam madrugada adentro. (FERREIRA; OLIVEIRA, 2017, p. 134). A este respeito, Jorge Tufic declara:

[...] até 1950, dominava no Amazonas o provincianismo literário, que tinha na Academia Amazonense de Letras seu principal reduto. As gerações novas, por falta de comunicação com o exterior, sofriam a influência direta do espírito acadêmico em artes e literatura [...] sempre ligadas ao formulário europeu. (TUFIC, 1984, p. 11)

Declaração que é reforçada por Michelle Eduarda Brasil de Sá, quando afirma que:

A distância geográfica pode ter atrasado um pouco a “onda” da Semana de Arte Moderna, podem ainda assim o Modernismo chegou ao Norte e ganhou aspecto de “banzeiro”. A partir de sua própria natureza, em todos os sentidos, a produção literária – artística, de modo geral – no Amazonas teve a mesma difícil incumbência de romper com os modelos anteriores e redesenhar a sua arte em tom de vanguarda. Foi um processo que levou a criação do Clube da Madrugada, na década de 1950, mais precisamente no dia 22 de novembro de 1954. (FERREIRA; OLIVEIRA, 2017, p. 133-134)

Assim, mesmo com as primeiras viagens do grupo para o sudeste com a finalidade de “atualizar” o acervo intelectual do grupo na década de 50 (TUFIC, 1984, p. 12-13), e de que era Saul Benchimol (1934-2022), irmão de Samuel Benchimol, um dos fundadores do Clube da Madrugada (TUFIC, 1984, p. 21), a hipótese da influência nacional foi abandonada.

BELLE ÉPOQUE: A HIPÓTESE DA INFLUÊNCIA FRANCESA

Samuel Benchimol nasceu em um período de intensas transformações no cenário amazônico e é pressuposto nesta pesquisa que, assim como ocorrido em outros setores da sociedade local do final do século XIX e início do século XX, o contato entre o jovem judeu e o haicai foi um dos frutos da marcha pela modernização da Amazônia, em especial, da cidade de Manaus.

Vale lembrar que este processo correspondeu ao conjunto de mudanças operadas na esfera política, econômica e social, que têm caracterizado os dois últimos séculos. Praticamente o início do processo de Modernização poderia ser situado na Revolução Francesa (1789) e na sua quase contemporânea Revolução Industrial inglesa, que provocaram uma série de mudanças de grande alcance, nomeadamente nas esferas política e econômica, mudanças essas intimamente inter-relacionadas. Naturalmente, o fermento dessas duas grandes transformações há de ser buscado nas condições e nos processos que vinham se desenvolvendo havia algumas décadas e que culminaram nas duas revoluções. Esses processos de transformações profundas e frequentemente rápidas tiveram repercussões imediatas no sistema internacional e foram exportados pelos europeus para toda parte, mesmo que só vingassem lenta e parcialmente. É essa a razão por que o processo global foi designado com o nome de europeização, ocidentalização ou, enfim, com o termo mais abrangente e menos eurocêntrico de modernização” (BOBBIO, 2002, p. 768).

O século XIX foi marcado pelo conceito de modernidade imposto por países europeus, em especial, Inglaterra e França, que determinavam a difusão “mercadológica de produtos, ideias e pessoas a outras partes do globo” (ROUANET, 2003, p. 120). No que se refere ao círculo amazônico, ambas estavam investindo sobre o Amazonas, seja na área cultura, seja no envio de recursos para melhorar a infraestrutura do sistema de escoamento de insumos para a Europa, principalmente com capital inglês, uma vez que este “era, de longe, o maior exportador de produtos industrializados e, no decorrer do século, sua economia se orientou cada vez mais para a exportação” (HOBSBAWM, 1992, p. 64).

Até o início do século XX, a educação no Amazonas era bastante exclusivo, em que “a presença da escrita era bastante localizada e marginal, dela só fazendo uso uma parte pequena da população branca, portadora de certo nível de instrução” (PINHEIRO, 2001, p. 29), e cuja função principal era o “crescimento e a oxigenação da administração pública e do processo

extrativista que vinha sendo trabalhado em Manaus e cujas benfeitorias eram desfrutadas pela incipiente elite local” (LIMA, 2012, p. 39).

As cadeiras de ensino de línguas estrangeiras, clássicas e modernas, foram promulgadas no ano de 1869 (BITTENCOURT, 1973, p. 344), com o ensino de Inglês, Francês, Grego e Latim, cadeiras que, segundo Elissandra Lima, na prática, não representavam a realidade uma população com 85% de analfabetos, mas uma tentativa de “maquilar a postura do cidadão com os padrões difundidos pelo fetiche do espírito da época, que, de certa forma, tomou conta de muitas cidades brasileiras” (LIMA, 2012, p. 57).

Quanto a metodologia de ensino de Línguas, não houve grandes transformações desde o período imperial até aquele primeiro momento da república. Embora, o método histórico tenha sido utilizado durante boa parte da história do ensino de línguas no Brasil colônia, o período imperial e a primeira república foram marcados pela metodologia tradicional, sobre a qual Renilson Santos Oliveira, declara que:

A metodologia tradicional, combinando regras de gramática e de tradução, tornou-se uma metodologia padronizada para o ensino das línguas estrangeiras[...] O professor que seguia a orientação dessa metodologia era caracterizado como um personagem dominador dentro da sala de aula, único detentor do saber e da autoridade. Um de seus objetivos era tornar o aluno capaz de ler obras literárias escrita na língua estrangeira, como também, fazê-lo traduzir tanto da língua estrangeira estudada para a língua materna, quanto o inverso. Tratava-se, portanto, de formar bons tradutores da língua escrita literária. (OLIVEIRA, 2015, p. 31)

Com a crise da borracha que se estendia desde os anos de 1920, os colégios e ginásios que até então serviam ao pequeno grupo da elite manauara, agora viam seus direitos sendo “desfrutados pelos “parentes pobres” (classe média)”, mas que ainda era direcionada “aos jovens das classes economicamente estabilizadas, utilizando para isso recursos de segregação por meio do exame de admissão” (LIMA, 2012, p. 53), exame de valor significativo para a época, prestado por Samuel Benchimol em 1934 (BENCHIMOL, 2010, p. 65).

Assim, a hipótese da influência francesa, adotada neste trabalho, apresenta argumentos mais consistentes, embora esta fase da pesquisa tenha apresentado certas dificuldades, entre elas, a dificuldade de acesso ao material historiográfico, o descaso do poder público com relação ao material literário do ginásio, tanto com relação ao manuseio do material quanto a catalogação do material disponível.

O Colégio passou por uma grande reforma entre 2007 e 2008 (DUARTE, 2009, p. 166), em que grande parte de seu material literário foi descartado, junto de outros objetos do período imperial, não foi catalogado ou foi enviado para outras instituições, como a Biblioteca

Pública Municipal de Manaus, o Acervo Arthur Reis e o Acervo Mário Ypiranga (com listagem disponível nos anexos da presente dissertação). Entre as obras dos acervos, destacam-se obras como os diários de viagem dos europeus no final do século XIX, como *Cartas do Japão* (1904), de Wenceslau de Moraes e *Cent Visions de guerre* (1916), de Joseph Seguin.

Embora a existência destes livros não assegure a influência direta sobre a escrita haicaísta de Samuel Benchimol, outrossim, assegura a circulação da literatura europeia, produzida e publicada no final do século XIX e no início do século XX, nas escolas manauaras.

CONCLUSÃO

Os questionamentos surgidos diante das afirmações culminaram em uma conversa com os filhos do escritor, os quais disponibilizaram o acesso aos arquivos da biblioteca particular da família Benchimol, resultando no achado dos arquivos originais, escritos por Samuel Isaac Benchimol entre os anos de 1942 e 1945. Por décadas guardada nos arquivos da família Benchimol, a obra *Versos dos Verdes Anos*, redescoberta e analisada na dissertação de mestrado de minha autoria, apresenta características peculiares quanto à forma e ao tema, com estilo único quando comparado à grandes nomes de haicaístas brasileiros.

Conforme a afirmação apresentada neste artigo, foram utilizados os pressupostos da Crítica Genética, partindo da proposição de que o processo de escrita da poesia e suas características estruturais se constroem como reflexos da sociedade e que o processo criativo, as opções estéticas e ideológicas por ele construídas estão subordinadas à relação entre autor e sociedade, suas escolhas e influências.

A partir da teoria, foi realizada a reconstrução histórica e social da figuração do autor em relação à sociedade e à cultura amazonense, ressaltando os traços étnicos e culturais de sua formação e produção literária. Assim, os acontecimentos históricos e o comportamento da sociedade são recorrentes na escrita poética de Samuel Benchimol, uma vez que a “literatura não existe no vácuo” (POUND, 2013, p. 39) e que a poesia depende do artista e das condições sociais que determinam sua posição (CANDIDO, 2006, p. 40), onde a participação deste agente no processo da escritaliterária deve “ser levada em conta” (CANDIDO, 2012, p. 36), e uma vez que “para que haja um poema, é preciso haver um poeta” (MINER, 1996, p. 32). Então, o processo de escrita do haicai não é exclusivo do poeta, mas parte de uma cadeia de fazeres sociais.

REFERÊNCIAS

- AYOUN, Richard; COHEN, Bernard. **Les juifs d'Algérie**. Paris: Éditions Jean-Claude Lattès, 1982.
- AGOSTINI, Bertrand. **The Development of French Haiku in the First Half of the 20th Century: Historical Perspectives**. Santa Rosa: Modern Haiku Press, 2001.
- BAZE, Abrahim. **Professor Samuel Isaac Benchimol – Ensaio biográfico de um educador e empresário**. Manaus: Editora Valer, 2010.
- BENCHIMOL, Samuel. **Eretz Amazônia – Os Judeus na Amazônia**. 3^a edição revista. Manaus: Editora Valer, 2008.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: um pouco antes e além depois**. 2^a edição revisada. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2010.
- BENCHIMOL, Samuel. **Versos dos Verdes Anos**. Não publicado. Texto de 1942.
- BENCHIMOL, Samuel. **Zênite ecológico e Nadir econômico – análises e propostas para o desenvolvimento sustentável da Amazônia**. 2^a edição. Manaus: Editora Valer, 2010.
- BENNISON, Amira. **Jihad and its Interpretation in Pre-Colonial Morocco: State-Society Relations during the French Conquest of Algeria**. Londres: Routledge, 2002.
- BOBBIO, Noberto. **Dicionário de Política**. Brasília: UnB, 2002.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 9^a edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 13^a edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2012.
- CLEMENT, Rosa. **História do Haikai Brasileiro**. Winchester: The Haiku Foundation Digital Library, 2014. Disponível em: <https://thehaikufoundation.org/omeka/items/show/200>. Acesso em 07/03/2022.
- DUARTE, Durango Martins. **Manaus entre o passado e o presente**. Manaus: Mídia Ponto Comm, 2009.
- FERREIRA, Cacio José; OLIVEIRA, Rita Barbosa de (org.). **Casulo de Imagens: A poesia japonesa no Amazonas**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.
- FRANCHETTI, Paulo; DOI, Elza Taeko. **Haikai: antologia e história**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- FRANCHETTI, Paulo. O Haikai no Brasil. **ALEA: Estudos Neolatinos**. Vol. 10, p. 256-269. Rio de Janeiro: Universidade do Rio de Janeiro, 2008.
- HAY, Louis. **A literatura dos escritores: questões de crítica genética**. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- GERBER, Jane. **Jewish society in Fez 1450-1700: studies in communal and economic life**. Leiden: Brill Academic Publications, 1980.

HOBBSAWM, Eric. **A era das revoluções (1789-1848)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
IENDO, Virgínia Ferreira de Castro; SÁ, Michele Eduarda Brasil de. O Haikai do Japão ao Amazonas: “Satori”, de Luiz Bacellar. **Revista Decifrar**, Vol. 03, nº 06. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2015.

LIMA, Elissandra Lopes Chaves. **Dimensões da República das Letras no Amazonas: A Intelectualidade Gymnasiana em Manaus (1900•1930)**. 202 f. Dissertação (Mestrado). Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2012.

MINER, Earl. **Poética comparada: um ensaio intercultural sobre teorias da literatura**. Trad. de Angela Gasperin. Brasília: Universidade de Brasília, 1996.

NOVINSKY, Anita. **Os judeus que construíram o Brasil: Fontes inéditas para uma nova visão da história**. São Paulo: Planeta, 2015.

OLIVEIRA, Renilson Santos. Linha do Tempo da didática das Línguas Estrangeiras no Brasil.

Non Plus, [S. 1.], v. 4, n. 7, p. 27-38, 2015. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.

PASSOS, Marie-Hélène Paret. **Da crítica genética à tradução literária: umainterdisciplinaridade**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2011.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920)**. Orientadora: Heloísa de Faria Cruz. 202 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2001.

POUND, Ezra. **ABC da literatura**. Trad. Augusto de Campos. São Paulo: Cultrix, 2013.

TUFIC, Jorge. **Clube da Madrugada: 30 Anos**. Manaus: Imprensa Oficial, 1984.

WILLEMART, Philippe. **Bastidores da criação literária**. São Paulo: Iluminuras, 1999.

WILLIANS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

ZULAR, Roberto. **Criação em processo: ensaios de crítica genética**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

Recebido em: 10/10/2023

Aprovado em: 18/11/2023

Publicado em: 22/12/2023



10.29281/r.decifrar.2023.2a_10